



RECORDAR É VIVER!!!

A observação atenta ao desempenho da aquicultura brasileira permite reconhecer o sucesso alcançado por essa atividade industrial que, no ano passado, produziu mais de 800 mil toneladas de peixes e superou 100 mil t de camarões, segundo estatísticas da PeixeBR e da ABCC, respectivamente.

Considerando a alimentação dos peixes exóticos e nativos e dos camarões, de 2003 para cá, o consumo de rações industrializadas avança à taxa média de quase 10% ao ano. A avaliação retrospectiva que ultrapassa o horizonte temporal de uma década (de 2009 até 2020), baseada nas impressões e registros históricos que seguem, tenciona lembrar os porquês e os respectivos cenários naqueles exercícios passados.

Em 2009, a demanda por ração para organismos aquáticos avançava 17% e alcançava 380 mil t, revelando ritmo intenso da aquicultura industrial. A melhor distribuição de renda das famílias permitiu maior acesso aos produtos da piscicultura. A carcinicultura, por sua vez, demonstrou relativa reação somente no terço final daquele ano, por conta dos preços baixos do camarão que estimularam seu consumo, e cerca de 90% da produção foi consumida no mercado interno. Já em 2010, a demanda por ração para peixes foi de 345 mil t e crescimento de 15%, enquanto a carcinicultura incrementou 2,5% e consumiu 82 mil t de rações.

Por sua vez, em 2011 a demanda da piscicultura foi de 500 mil t de rações, um estupendo crescimento que alcançou 33% em resposta à crescente produção continental. A produção marinha, no entanto, revelou-se bem menos produtiva por conta da carcinicultura, que regrediu 15% às 71 mil t. Em 2012, a demanda por rações para peixes foi de 575 mil t, caracterizada pelo contínuo crescimento que alcançou 15%, enquanto a produção de rações para camarões aumentou 7%. O lançamento do Plano Safra de incentivo à produção aquícola e a expectativa de harmonização nos requisitos para concessão de licenças mantiveram o dinamismo apurado nas respectivas cadeias produtivas, fator que também influenciou o desempenho no ano de 2013 que produziu 661 mil t de rações para peixes e 79 mil t de rações para camarões.

Durante o ano de 2014, a projeção da cadeia produtiva da aquicultura apontou crescimento da ordem de 15%, ou 854 mil t. Ao longo de 2015, a demanda de rações para peixes e camarões alcançou 940 mil t e avançou 10%. Apesar do desafio determinado pela estiagem que comprometeu diversos reservatórios, a cadeia produtiva da aquicultura foi favorecida pelo avanço no povoamento de tilápias em vários empreendimentos, da produção mais intensiva de camarões, além da mobilização de áreas de baixa salinidade, enquanto o déficit na oferta global de camarões, por causa dos problemas de sanidade na Ásia, renovava a hipotética oportunidade futura para re-

tomada das exportações do produto brasileiro.

No ano seguinte, em 2016, a demanda de rações para peixes alcançou 920 mil t e apenas 89 mil t de rações para camarões, principalmente por causa dos desafios determinados pelo vírus da mancha branca. Já em 2017, a demanda de rações para peixes e camarões aproximou-se de 1,2 milhão de t e cresceu 6,8%. Essa atividade já crescia substancialmente nos Estados do Paraná e Minas Gerais, além do Mato Grosso e Rondônia. Por conta dos problemas enfrentados no Ceará, a matriz produtiva migrava para outras regiões nordestinas. Tal combinação culminou na produção de 1,1 milhão de t de rações para peixes, enquanto a carcinicultura continuava comprometida com a enfermidade e sustentada na produção com ciclos mais curtos e menor densidade.

O ano de 2018 culminou na produção de rações para aquicultura que somou 1,2 milhão de t, exclusivamente por causa do desempenho da piscicultura. Apesar da dificuldade na concessão das licenças ambientais e das margens pressionadas do produtor, a reidratação de diversos polos produtores nas regiões Sudeste, Norte e Centro-Oeste e o contínuo avanço da piscicultura sob regime de integração puderam levar à um avanço de quase 5%. A produção de rações para peixes e camarões em 2019 somou 1,3 milhão de t, garantida pela produção da piscicultura integrada que cresceu sobremaneira no Estado do Paraná. A carcinicultura, por sua vez, continuou reagindo, muito embora, ininterruptamente atenta a qualquer novo evento sanitário, por conta do risco proporcionado pela importação do produto equatoriano.

O Brasil foi considerado o quarto maior produtor global de tilápias e a piscicultura e continuou avançando em 2020. No caso da carcinicultura, os pequenos e médios produtores concentraram esforços nas vendas diretas na região Nordeste e assim puderam sustentar seus negócios durante a fase mais aguda da pandemia da Covid. A produção de rações para aquicultura somou 1,38 milhão de t. Finalmente para 2021, o avanço de 8% na produção de rações para peixes durante o primeiro semestre foi resultado das tradicionais celebrações da quaresma e da Páscoa, afóra outros fatores que aqueceram a demanda e, conseqüentemente, elevaram os preços pagos aos produtores.

A atividade continua considerada bastante promissora e a consolidação tem sido impulsionada pelo sistema de produção integrado que fomenta e respalda os cooperados desde a disponibilização dos grãos até a comercialização do produto. Por sua vez, os produtores independentes têm sido desafiados pelo cenário bastante adverso e caracterizado pelo alto custo dos insumos. Já a demanda pelas rações para camarões continua com forte potencial de crescimento, mas dependente e carente de ações prioritárias para investimento, custeio, pesquisa e biossegurança voltadas à atividade. ■



Arioaldo Zani
é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA